

MEMÓRIAS: QUEBRA DO AÇÚCAR

Cleunilde Silva dos Santos ¹

Simone da Silva Pinheiro²

O desafio de escrever acerca de elementos da memória é complexo e desafiador, percorrer espaços dotados de lembranças, afeição por meio de experiências de vidas, fazem parte da construção da história na constituição de lugares.

As vielas, becos, estradas, varadouros, cursos de rios, nos apresentam possibilidades de analisarmos o tempo cronológico, retilíneo da historiografia oficial, sendo os personagens principais os “grandes vultos” e no girar do discurso, dar voz aos milhares de silenciados.

A memória nos leva à percepção de que não somos senhores do tempo, que não podemos controlar o percurso de vidas e fazeres diários, ela é um elo de explanação do passado, ela tem voz, forma, sendo latente com suas representações do tempo vivido, “a memória como propriedade de conservação (...), conjunto de informações psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”³.

As sensações, despertadas por pequenos “*startque*” internalizadas no nosso ser, que de forma involuntária, aflora com frequência e nos leva ao cheiro de terra molhada da infância ou de um acontecimento marcante, o aroma de café coado, com um recorte do tempo e do espaço, o perfume de flores, pedaços quebrados do açúcar em barras espalhados sobre a mesa no fazer do bolo.

Nesse terreno, peças expostas como insignificantes pelos saberes escolares e manuais históricos, faz ocultar e desprezar esses detalhes da vida que é valoroso como patrimônio. A cada ano à escola pública deixa a margem uma riqueza de experiências culturais singulares negando um passado vivo das narrativas de pessoas simples na construção de suas identidades.

Milhares de crianças, jovens mulheres e homens são compulsoriamente silenciados por um jeito de ser, de sentir e estar nesse mundo, que não representa a pluralidade de histórias de vida que chegam à escola. A diversidade de lutas, medos, amores, sabores, aromas, gostos e corpos sofrem diariamente a brutal violência

¹ Professor especialista de Rede Municipal de Ensino (SEME)

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras : Linguagem e Identidade (UFAC)

³ LE GOFF, Jacques. **Cultura um conceito antropológico**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

simbólica e sorradeira do movimento que menospreza o plural com mordanças impostas pela perpetuação de uma história vista de cima.

As relações pelo poder desigual que envolve os infinitos grupos sociais e um rol de outros sentidos emersos interagem com os novos que recorrentemente insistem em nos constituir.

Fazer ressurgir esses sentidos e dar a importância adequada no espaço da escola, local privilegiado de constituição e reconstituição identitária, implica criar condições de possibilidades de escavações do inconsciente para reunir fragmentos de memória de vidas que se cruzam em um contínuo. ⁴

Desempenhando a função de arqueólogos, os professores/as podem penetrar nas esfinges da vida em geral e em especial, na vida dos estudantes, possibilitando o deslocamento do que está imerso nas profundezas dos corpos e em parceria começar o trabalho de interpretação desses fragmentos.

São vestígios do passado de mortos que clamam pela sua voz, fantasmas que ganham vida entre vivos. Os estilhaços, cacos, sobras, vozes vão aos poucos encaixando-se dando forma ao mosaico de memórias, fazendo o passado ressurgir com suas cores, seus cheiros e seus sabores, esculpidos em acontecimentos, nos termos de Foucault (1996).

A memória não é racional, não é treinada, não é técnica. As memórias são constituídas por lembranças, sensações e sentimentos passados que ressurgem e são narradas não mais da forma pura, mas atravessadas de experiências de si e dos outros.

No sentido benjaminiano, a memória ao ser narrada, não está presente a intenção ou o interesse em reproduzir o “puro em si da coisa narrada como uma informação, um relatório ou qualquer aspecto técnico. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” ⁵

Nessa perspectiva, a história de vida de Irene Avelino Pinheiro (minha avó), pode ser narrada pelo viés das memórias de sua neta por meio dos momentos em que fragmentos da barra de açúcar eram quebradas, dando espaço para contar e recontar trajetórias da sua vida. Esse alimento, até meados da década de oitenta, chegava ao Acre em forma de barras, enroladas em papel cinza. Para ser consumido era necessário

⁴ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 2ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

⁵ BENJAMIN, Walter. “**A imagem de Proust**” e “**Teses sobre o conceito de história**”. In: Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense 1987.

proceder à quebra para depois fazer seu bom uso. E foi durante essa quebradura doce que as minhas memórias acerca de minha avó foram sendo desenhadas.

Em paralelo a ação da quebra do bloco de doce, ela ia contando a história de sua vida no seringal, como chegou à cidade, a fuga de um marido abusivo, a casa tomada por especuladores imobiliários.

As horas da quebra da barra de açúcar se materializavam em momentos sacerdotais e ritualizados. O horário sempre o mesmo para tal tarefa, a mesma bacia, martelo e o bloco a ser quebrado. Momentos de suma importância nas informações ali contadas e ressignificadas. Eu e minha avó passeávamos nas suas histórias, enquanto ela utilizava as etapas para utilização do açúcar. A cada partícula de doce despedaçado provinha alimento para a vida e para adoçar a alma.

Enquanto a auxiliava, viajava em suas narrativas, despertando minhas curiosidades de menina. Os momentos que trabalhou no seringal, os acontecimentos da morte de sua mãe, a separação traumática, a perda dos filhos, o nascimento de outros, têm o doce e o amargo na trama de vários percursos que foi viver na região Amazônica.

Essas memórias estão presentes nas transformações dos espaços, “as diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformado espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita”.⁶

As imagens de minha avó sentada no chão com um martelo na mão quebrando o açúcar são elementos presentes em minha memória. A cada batida uma narrativa, o doce do açúcar era incapaz de adoçar algumas de suas palavras pela carga de sofrimento que ainda pesava em suas costas.

Enquanto a barra diminuía ela falava de seres encantados, fugas noturnas, orações, danças, açoitamentos, trabalho, corte da seringa. O mundo branco e doce do açúcar me apresentava o universo de Irene Avelino Pinheiro na década de 30.

Todas as sensações advindas de suas histórias me fez traçar um panorama da mulher ao meu lado. Irene Avelino Pinheiro, pobre, seringueira, filha, mãe, esposa, avó. Com informações tão valiosas que não seguem uma lógica linear, não têm batidas do relógio, nem folhas de calendário, nos transportamos ao Seringal Guanabara, localizado na região de Sena Madureira, ao logo do Rio Purus. Que seguindo os caminhos pela minha avó delineados, vejo uma menina, de porte pequeno, cabelos e olhos escuros, se transformando em uma mulher de forma forçada a enfrentar os

⁶ GASTAL, S. **Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local.** In: Gastal.S. (org.). Turismo investigação e crítica. São Paulo: Contexto, p. 69-81, 2002.

problemas do seu tempo. Naquele momento, observava suas mãos enrugadas, mas estavam agora, mais firmes e fortes.

Irene Avelino Pinheiro nasceu em 1918 no alto do Seringal Guanabara, região da bacia do Rio Purus, Sena Madureira. Filha de Manoel Avelino Pinheiro e de Lucinda Maria Pinheiro tinha 05 (cinco) irmãos, sendo ela a mais velha, isso já a transformava como tendo obrigações em ajudar o pai no corte da seringa.

Seu pai um dos vários homens que deixou a seca da região nordestina foi combatente do confronto entre brasileiros e bolivianos pelo território acreano. Seu caminho percorrido diversas vezes sempre chegava à seringueira para o corte do látex. Acordava bem cedo e preparava um quebra-jejum, uma farofa de carne de caça. Pegava os equipamentos de trabalho e seguia para o ciclo diário. Ela, o pai e os irmãos caminhavam horas, fazendo o percurso da estrada de seringa e seu corte, enquanto a mãe ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos.

Essa mulher com mais idade, a mulher presente na minha infância, de olhos fundos e cabelos brancos também falava e agradecia pela fartura de alimentos na cidade, visto que no seringal, diversas vezes faltavam itens básicos para alimentar-se. As refeições eram à base de farinha, carne de caça, café feito com garapa de cana-de-açúcar, frituras com banha de porco, que servia também para o cabelo, na falta do creme, como remédio, na utilização para sarar feridas.

A família produzia bastante borracha, então o pai tinha autorização para criar alguns animais e plantar cana, macaxeira e feijão. Irene contava com orgulho às madrugadas que saía de casa para fazer o corte da seringa. Sai ainda de madrugada, por volta das três horas pelos varadouros, ela, os irmãos e o pai, equipados com suas porongas. Ela atribuía seus problemas na visão as horas de defumação do látex, mas falava orgulhosa que aos 12 anos aprendeu a manusear armas de fogo.

Os momentos mais calmos de sua vida no seringal eram quando nasciam seus irmãos, nesses acontecimentos, ela ficava em casa para auxiliar os dias de resguardo da mãe. Período que a menina lavava roupa, cozinhava, cuidava da higiene da mãe e dos recém nascidos. Foi numa destas ocasiões que conheceu o seu primeiro amor.

Enquanto lavava roupa no igarapé, conheceu Antônio, um jovem marreteiro que visitava o Seringal Guanabara pela primeira vez. Neste momento, a ênfase para a história de Irene era transportada para os seus sonhos, amores e a violência que iria sofrer futuramente.

No primeiro encontro o pedido de casamento que foi algo que ela aceitou prontamente. Seu pai homem de valores rígidos, não compactuou com a proposta o que fez com que Irene levasse uma forte surra.

Durante dias teve febre e dores, e no balar da rede seus pensamentos eram arquitetar formas de fugir daquele local que se resumia em trabalho e dor. Desejava casar, encontrar Antônio e ser feliz. Numa noite de novembro enquanto a casa toda estava em silêncio, Irene pulou no terreiro e fugiu rumo ao barracão, lá morava sua madrinha. “Cortou” a floresta sozinha, nos pés, seus sapatos de trabalho, mãos vazias, na mente a enorme vontade de ser livre.

Conquistou seu desejo quando o sol já se fazia presente no céu e chegou à casa da madrinha. Contou-lhe a história, teve a honra preservada pelas mulheres do local. Enquanto o seu padrinho cuidava de encontrar o marreteiro. Moço encontrado, casamento feito. O que após esse acontecimento marcaria profundamente a vida de minha avó. Seu noivo e rapidamente marido, estava doente, o mesmo encontrava-se com malária, que por conta das condições do ambiente e falta de cuidados médicos, saiu da cerimônia e veio a falecer no mesmo dia.

Irene agora era viúva e virgem, então seus padrinhos acharam melhor levá-la para a casa de seus pais, local esse que saíra dois anos depois casada com Francisco Dias, seringueiro e pai de seus 04 (quatro) filhos. Casamento de 08 (oito) anos que chegou ao fim pela morte do seringueiro, quando este foi picado por uma cobra cascavel durante uma caçada.

Dona de uma forte expressão oral, de mãos calejadas e de tantas lembranças, me encantava com suas Histórias de encantados (Curupira, boto, rasga-mortalha). Mulher de grande fé, guardava o segredo de orações que cortava tempestades, curava dores, “fechava” corpos, orações para se ter um bom parto, acalmava os homens, resgatava amores. Tinha devoção pelas “almas”, eram as guardiãs que guiavam seus passos. Toda segunda acendia uma libra de velas e rezava para seus protetores. Sentava no sofá de sua humilde casa na cidade e rezava um terço pelos vários amigos, filhos, irmãos que deixaram enterrados no seringal.

Proprietária de um rosário branco que ficava preso ao cabide de prego da porta branca do quarto de uma casa de madeira simples, localizada na cidade de Rio Branco, conquistada por conta de uma pensão recebida de seu pai.

Os passos de vida desta mulher revelam sonhos, frustrações, realizações da vida do presente, neste caso eu. Todos os momentos em que eu e minha vó estivemos juntas, longos cordões de experiências foram sendo costurados e amarrados em mim. A

cada encontro novas histórias, e as que mais me envolviam eram a dos encantados da floresta.

E foi numa noite de lua cheia, enquanto eu e minha vó aguardávamos o retorno da luz elétrica, na década de 80, as Termoelétricas, geradoras de eletricidade alimentadas de óleo diesel, no inverno Amazônico, economizavam o produto gerador, uma vez que nessa época a estrada que ligava o Acre a Rondônia ficava intrafegável, daí a necessidade se impunha, reduzindo o consumo e assim, faltava por dias o combustível. Momento propício para ouvir suas Histórias.

Não me lembro à data, mas lembro bem que era noite de lua cheia e a claridade entrava pela janela, sobre a mesa da cozinha havia uma vela e no fogão uma panela com banana comprida, era o momento de preparar a janta. Nessa noite, ela começou a falar dos acontecimentos da noite em que dançou com o Boto durante uma festa na sede do Barracão, à margem do Rio Purus. Então ela narra:

Ele era bonito. Jovem vestido com um paletó branco, chapéu de aba, também branco. O sanfoneiro tocava bem enquanto as moças esperavam ser tiradas para dançar. Eu ficava ao lado da minha mãe, meu pai ficava no terreiro bebendo e conversando com os homens. No salão, aquele moço bonito dançava com as moças, mas eu não podia ir lá, porque se não meu pai me matava de peia. A lua já estava no meio do céu, quando ele me tirou para dançar. Dançava tão bem, fia! Dançava e era leve, tinha olhos encantadores, não queria largar. Mas o sanfoneiro parou e logo os pares deixaram o salão e o meu pai me disse: Adeus! Eu era danada, não tinha medo de nada. Corri atrás dele, daí ele desceu o barranco do rio e lá tirou a roupa e mergulhou no rio, a lua clara me deixou vê tudo. Ele virou um boto e foi embora. Eu tinha dançado com o Boto. (Irene Avelino Pinheiro).⁷

Em seu relato há presença de elementos que se cruzam entre a ficção e a realidade. As festas nos barracões durante o ciclo da borracha, a disposição dos corpos no salão, os músicos, as moças vigiadas e cobiçadas pelos homens que procuravam encontrar um amor, casar, ou simplesmente naqueles momentos de diversão fugir da realidade tão perversa marcados pela força do trabalho.

Ao lado da mãe, ela observava os corpos a bailar, enquanto o seu corpo virgem, vigiado e controlado pela sua progenitora, seu olhar buscava no salão iluminado por lampiões, jovens belos. Seu corpo não pode ser violado pelos presentes, caso contrário, seu pai a castigaria severamente, pois assim eram tratadas as mulheres que ousasse enamorar-se sem autorização dos pais. Contudo, ela afirma enquanto amassava com as mãos as bananas compridas para preparar o mingau:

⁷ Depoimentos de Irene Avelino Pinheiro in diários de infância

Todas as moças da festa queriam dançar com o jovem de branco, pois ele era diferente dos outros, dançava bem, bem vestido, alto. Por isso que o boto levava as moças para o fundo do rio, porque são belos. (Irene Avelino Pinheiro, grifos meus)⁸

Os momentos das festas a satisfação de contar sobre os “seres encantadores” da floresta pela minha avó, sempre fizeram parte da nossa convivência. Por vezes teve seu fumo roubado pela caipora, como forma que esses acontecimentos não se repetissem, ela preparava oferenda para esse encantado. Também havia o medo da rasga-mortalha, ser agourento que corta a casa em cruz, avisando que alguém daquela casa irá morrer. Foi assim quando perdeu a sua mãe, pois o bicho cruzou a casa deles e daí em poucos dias sua mãe faleceu.

Buscavam nos encantados explicações ou quem sabe alívio para as dores e dificuldades da vida no seringal. Minha vó representava a força de uma mulher que passou por inúmeras dificuldades, não tendo visto em nenhum momento de dor pela qual passou chorar, ou mesmo em situações que se via perante a morte.

Ela enterrou os pais, todos os irmãos, três filhos, mas sempre se mantinha firme com seu terço na mão e na cabeça o véu das Marianas, grupo de mulheres filhas de Maria ligada à igreja católica.

Os momentos com Irene eram sempre viagens entre pessoas reais, sujeitos históricos que trabalharam, amaram, sofreram perca, confrontaram regras injustas e superaram situações adversas. Sua vida se cruza com de muitos silenciados pela história oficial, historia doce aquela que não incomoda a sociedade, história dos monumentos históricos, dos hinos.⁹ A vida de Irene não se encontra em museus, livros didáticos, obras de “famosos” historiadores.

Ela e muitos outros foram silenciados por essa História negligente. Visto que a memória é transgressora, materializa em encontros e falas imagens do passado, dando voz aos mortos¹⁰. Ela é revolucionária, rompe conceitos lineares, retirar dos túmulos sujeitos como Irene Avelino Pinheiro, mulher que não ficou apenas seguido passos como orientação, ela fez os seus. Pelo contrario, ela lutou, trabalhou duro no

⁸ Depoimentos de Irene Avelino Pinheiro in diários de infância

⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Por uma história Acre: Saberes e Sabores da Escrita Historiográfica** in: Desde as Amazônias Colóquios Vol. 2 orgs Albuquerque, Gerson Rodrigues e Antonacci, Maria Antonieta, Nepan, 1ª edição, Rio Branco – Acre,

¹⁰ BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

corte e produção da borracha, criou os irmãos após a morte da mãe, pegou em armas para expulsar capangas de sua propriedade que foram invadidas na década de 70.

Os gatilhos da memória são acionados por sensações, eles envolvem sentimentos, gostos, sabores, cheiros. Da memória dos contos e cantos, dos signos místicos e artísticos que transcendem misteriosamente o presente e nos leva para um passado. Lugares regados de afetividade, cumplicidade que permeiam expressões, responsáveis por contar um pouco das vivências de minha avó. As continuações desse caminho por meio do meu viver e de minhas palavras contribuíram para que os momentos da quebra do açúcar evidenciassem a memória como verdadeiro patrimônio cultural fortalecendo traços identitários da minha história.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Por uma história Acre: Saberes e Sabores da Escrita Historiográfica** in: Desde as Amazônias Colóquios Vol. 2 orgs Albuquerque ,Gerson Rodrigues e Antonacci, Maria Antonieta , Nepan , 1ª edição , Rio Branco – Acre,

BENJAMIN, Walter. “**A imagem de Proust**” e “**Teses sobre o conceito de história**”. In: Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense 1987.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Magia e técnica, arte e política.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 2ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

LE GOFF, Jacques. **Cultura um conceito antropológico.** 16º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GASTAL, S. **Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local.** In: Gastal.S. (org.). Turismo investigação e crítica. São Paulo: Contexto, p. 69-81, 2002.